

DESINFORMAÇÃO NA TELINHA

Os atos golpistas sob a ótica do jornalismo televisivo¹

DISINFORMATION ON THE SCREEN

Coup acts from the perspective of television journalism

Rosângela de Jesus Fernandes²
Suzy dos Santos³

Resumo: O presente artigo analisa a cobertura televisiva de três episódios recentes que marcaram a mobilização da extrema direita no Brasil: os atos golpistas realizados de novembro de 2022 a janeiro de 2023, culminando em ataques a instituições e ao patrimônio público. À luz da metodologia de Análise de Discurso e do conceito de desinformação, ainda em disputa, buscamos rastros e vestígios da atuação da mídia tradicional em defesa das ações que pregavam o desrespeito ao resultado das eleições presidenciais de 2022 e o ataque ao Estado Democrático de Direito. Desta forma, intencionamos contribuir com a reflexão sobre o papel da mídia tradicional, especialmente da televisão, em disseminação de informações falsas, manipuladas, descontextualizadas, o que tem marcado a recente disputa política no país, resultando na fragilização da democracia.

Palavras-Chave: Desinformação, Televisão, Extrema Direita.

Abstract: *This article analyzes the television coverage of three recent episodes that marked the mobilization of the extreme right in Brazil: the coup acts carried out from November 2022 to January 2023, culminating in unprecedented attacks on institutions and public property. Using the Discourse Analysis methodology and the concept of disinformation, still in dispute, we seek traces and vestiges of the traditional media's performance in defense of actions that preached disrespect for the result of the 2022 presidential elections and the attack on the Democratic State of Law. In this way, we intend to contribute to reflection on the role of traditional media, especially television, in disseminating false, manipulated, out-of-context information, which has marked the recent political dispute in the country, resulting in the weakening of democracy.*

Keywords: Misinformation, Television, Far Right.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho GT 09: Jornalismo Político da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ) e pesquisadora do grupo de pesquisas em Políticas e Economia Política da Informação e Comunicação (PEIC/UFRJ). Coordenadora da ONG Criar Brasil. E-mail: rosangela.fernandes@discente.eco.ufrj.br

³ Professora da Escola e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro- ECO/UFRJ. Coordenadora do grupo de pesquisas em Políticas e Economia Política da Informação e Comunicação (PEIC/UFRJ) suzy.santos@eco.ufrj.br

Introdução

Desinformação. O tema está na ordem do dia no Brasil e no mundo. *Fake News*, notícias distorcidas, manipuladas, enganosas, fora de contexto, discurso de ódio. Múltiplas facetas de um problema que afeta relações, reputações, impacta a percepção da realidade e, no limite, resulta em ameaça à democracia. Informações enganosas que buscam prejudicar o outro não representam um fenômeno novo, se constituem em ferramenta de disputa de hegemonia há séculos. No entanto, a nova ecologia midiática ampliou a intensidade e a ibiquidade de tal prática e complexificou a questão. Não apenas as versões sobre os fatos estão em disputa, mas também o conceito de desinformação, sendo objeto de estudo por inúmeros pesquisadores (FALLIS, 2015; FROELICH, 2017; WARDLE e DERAKHSHAN, 2017; BRISOLA e BEZERRA, 2018; SCHNEIDER, 2022).

A rapidez da disseminação desse tipo de conteúdo pela internet chama atenção e tem sido alvo de debates sobre a necessidade de criar limites e combatê-lo, assim como de alerta para os riscos que envolvem o controle do que pode ou não ser dito e publicado por atores específicos, sem regulação estabelecida. A internet está no centro das atenções e das medidas em pauta para enfrentar o problema.

O mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, iniciado em janeiro de 2023, criou a Secretaria de Políticas Digitais que tem como sua primeira responsabilidade “formular e implementar políticas públicas para promoção da liberdade de expressão, do acesso à informação e de enfrentamento à desinformação e ao discurso de ódio na Internet, em articulação com o Ministério da Justiça e Segurança Pública” (Brasil, 2023). A preocupação com a internet se justifica. São muitos os territórios virtuais que garantem a disseminação imediata de informações que não correspondem à realidade e que têm grande poder de causar estragos. Contudo, não são apenas as novas mídias as responsáveis pela circulação livre da desinformação. Os meios de comunicação tradicionais têm dado sua contribuição na criação de conteúdos, revestidos de falsa credibilidade, capazes de levar ao convencimento da população a respeito de informações e análises que não correspondem à realidade.

A televisão, diante do ambiente de convergência midiática com espraiamento cada vez mais intenso da programação pela internet, tem parcela significativa de responsabilidade neste cenário. Especialmente por seu apelo imagético, narrativo e capacidade de acionar emoções. Como nos aponta Bourdieu (1997; p. 26), para além da força das imagens, a TV encontra na fala seu complemento indispensável: “É preciso palavras extraordinárias. De fato, paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pelas palavras”. O autor complementa em tom de alerta: “Palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias, ou, simplesmente, representações falsas”.

É a partir dessa perspectiva que nos valeremos dos princípios da Análise de Discurso (ORLANDI, 2015; CHARAUDEAU, 2018). Buscaremos refletir sobre a relação da desinformação com o “mundo filtrado” que segundo Patrick Charaudeau (2018, p. 29) é revelado pela mídia em “jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade”. Nos interessa, particularmente, a criação de sentido atravessada pela disputa ideológica, como destaca Eni P. Orlandi (2015, p. 42), “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Deste modo, e particularmente diante do objeto do presente estudo e da conjuntura social e política que ele aborda, nos interessa observar o signo como “a arena onde se desenvolve a luta de classes”, como nos indica Mikhail Bakhtin (2014, p.47).

A pesquisa busca jogar luz sobre a cobertura midiática televisiva de três episódios recentes que marcaram a mobilização da extrema direita no Brasil em favor de um golpe de Estado. São objeto de análise programas jornalísticos que noticiaram as manifestações dos dias 2 de novembro de 2022, 12 de dezembro de 2022 e 8 de janeiro de 2023. Na primeira data, os protestos foram realizados com início de acampamentos em frente a unidades das Forças Armadas e bloqueio de estradas em diferentes pontos do país, impedindo a circulação de pessoas e mercadorias. Em dezembro, aconteceram atos violentos com veículos incendiados e a tentativa de invasão do prédio da Polícia Federal em Brasília. Já em janeiro, a capital federal voltou a ser palco dos extremistas, com a realização de ataques sem precedentes a

instituições e ao patrimônio público. Defensores do ex-presidente Jair Bolsonaro, alegando questionar o resultado das eleições e reivindicando intervenção federal para impedir o governo do presidente legitimamente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF). Nesse contexto, com a democracia em risco, nos dedicamos a observar a disputa discursiva na tela da TV e os deslocamentos das linhas editoriais dos veículos diante do agravamento da crise institucional.

Sobre desinformação

Desinformação é uma informação? A questão nos impõe o desafio de pensar sobre as características primárias desse fenômeno. Para responder a essa pergunta, Don Fallis (2015, p. 404) adota como parâmetro o que considera uma característica central da informação: “é algo que representa alguma parte do mundo de um certo modo” (em tradução livre). A partir dessa perspectiva, o autor considera fundamental entender que sim: “a desinformação é um tipo de informação” (p. 405). E agrega, outras duas características complementares: desinformação é *informação enganosa* e desinformação é *informação enganosa não acidental*.

O engano causado pela desinformação é considerado pelo autor como “um tipo de erro principal em formação; ou seja, são informações que provavelmente criarão informações falsas, mentiras” (FALLIS, 2015, p.405). Neste ponto, Fallis não se refere ao efeito final da disseminação de desinformação, mas a seu cerne e sua potencialidade. “Embora uma desinformação deva ter a propensão a enganar, não precisa realmente enganar alguém em qualquer ocasião. Assim como mentir, a desinformação não é um ‘termo de sucesso’”(FALLIS, 2015, p.405). Crível ou não, eficaz ou não, a elaboração e divulgação de informação enganosa se constituem em desinformação, ainda que ninguém seja iludido, ou seja: o objetivo não seja alcançado.

Há também que se ponderar sobre o que é considerado *sucesso* neste caso. Uma informação manipulada pode não convencer totalmente a quem a recebe e ser vista com desconfiança. Ainda sim, seria capaz de inocular a dúvida em relação ao tema, o que, de certa forma, já poderia ser considerado um resultado exitoso. A instauração da dúvida através de insinuações é, por exemplo, uma característica do

chamado “novo conspiracionismo”, que substitui a explicação exaustiva por insinuações (MUIRHEAD e ROSEMBLUM, 2019, p. 16).

Para além da intenção de desinformar o outro, é relevante a reflexão sobre o quanto os atores envolvidos na prática iludem a si próprios. Thomas J. Froehlich (2017, sem paginação), destaca em seu estudo o autoengano como característica da desinformação. O autor distingue o autoengano imotivado do motivado. O primeiro diz respeito a pessoas que buscam o *viés de confirmação*, ignorando o que não desejam que seja verdadeiro, com objetivo de evitar a consciência sobre algo que ameace a sua felicidade e bem-estar. O segundo tem objetivo concreto que inclui interesses políticos, pessoais, sociais e éticos. O autoengano motivado é questão que merece atenção especial ao presente estudo.

Ainda sobre a informação enganosa, é preciso considerar que, não raramente, ela encontra seu efeito por atravessar o cotidiano de múltiplas formas. Ao propagar uma inverdade em diferentes ambientes, reforça-se a percepção de veracidade ou, ao menos, constrói-se a sensação de que há algo de verdadeiro na informação. Neste processo de gestação da desinformação, a mídia tradicional tem um papel decisivo. Um comentário que expresse apenas um olhar particular sobre um fato, ao ser veiculado na televisão, por exemplo, se reveste de legitimidade e passa a circular como algo avalizado, ampliando seu potencial de enganar, especialmente se está em sintonia com notícia falsa divulgada pelas mídias sociais.

Retornando a Fallis (2015, p.406), o autor ressalta que o engano que se dá de forma acidental não deve ser confundido com inverdades que objetivam manipulação. É o caso do humor, que não busca esconder que o que representa é distinto da realidade. Fallis orienta uma estratégia de identificação da desinformação, “podemos procurar a intenção de enganar em vez de apenas procurar erros”.

Intencionalidade: esta é considerada uma característica chave na pesquisa sobre informações falsas. No estudo “*Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*”, Claire Wardle e Hossein Derakhshan(2017) propõem uma estrutura conceitual para análise da crise em que estamos submersos. A intenção e a veracidade da informação são os parâmetros principais propostos na investigação que utiliza três classificações distintas.

Misinformation é quando informações falsas são compartilhadas, mas sem intenção de prejudicar. *Desinformação* é quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos. A *má informação* ocorre quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes promovendo informações projetadas para permanecer privadas na esfera pública. (Wardle; Derakhshan, 2017, p.5)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) tem se debruçado sobre o tema e desenvolvido iniciativas visando instrumentalizar jornalistas para que se posicionem no enfrentamento da desordem informacional. O órgão da ONU considera que “o século 21 transformou a informação em armamento em uma escala sem precedentes” (IRETON e POSETTI, 2019, p. 16). A UNESCO adota a perspectiva de Wardle e Derakhshan (IRETON e POSETTI, 2019) que aprofundam a discussão apresentando sete tipos de desinformação ou *misinformation*: 1) Sátira ou paródia, com potencial de enganar, ainda que sem intenção; 2) Conexão falsa, com manchetes ou imagens que não condizem com o conteúdo; 3) Conteúdo enganoso, uso de informação enganosa; 4) Contexto falso, conteúdos verdadeiros fora de contexto; 5) Conteúdo impostor, com imitação de sites, logotipos e assinaturas; 6) Conteúdo manipulado, informação manipulada para prejudicar; 7) Conteúdo fabricado, totalmente falso e projetado para causar dano (2019, p.50).

Entre os tipos de desinformação, há aspectos que se referem mais especificamente ao ambiente virtual, no entanto, algumas modalidades são facilmente constatadas em veículos da mídia tradicional, especialmente o *falso contexto*, o *conteúdo manipulado* e a *falsa conexão*, como veremos na análise do *corpus*.

Ao refletir sobre o conteúdo enganoso, é fundamental ressaltar a questão da veracidade contida na desinformação. A popularização do termo *fake news* contribuiu para a associação da desinformação com a mentira. No entanto, a utilização de informações que não são totalmente inverídicas, mas apresentadas fora de contexto, manipuladas, falsamente conectadas, tem um enorme potencial de causar dano. Don Fallis (2015, p. 417) considera que “se você não disser nada falso, será mais difícil provar que você estava tentando enganar alguém. Portanto, os aspirantes a enganadores têm um incentivo para se apegar à verdade, se puderem, enquanto ainda enganam”. Do ponto de vista do cidadão que é alvo da desinformação, perceber

a manipulação sutil exige mais tempo de checagem e, principalmente, maior sensibilidade e repertório de conhecimento contextualizado do que identificar algo absolutamente falso. Especialmente quando a estratégia de utilização de fatos para enganar encontra amparo em ambientes que por sua natureza são, aos olhos da população, portadores de credibilidade, como os grandes veículos de comunicação. Estes são, muitas vezes, referência de fonte de informação segura e confiável, utilizada para verificação de algo que circula no ambiente virtual, mas é visto com desconfiança. Assim, a responsabilidade da mídia tradicional na gestação da desinformação deveria ser percebida como ainda mais importante. O que se escreve e se fala se inscreve na disputa ideológica de forma marcante, como indica Bakhtin:

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais (2014, p.42).

Desinformação no ar e ao vivo

A pesquisa se deteve em acompanhar programas transmitidos pela TV em três datas marcantes na disputa política que se estabeleceu no país nos últimos anos e se aprofundou após a derrota da extrema direita nas eleições presidenciais de 2023. Os dias 2 de novembro de 2022, 12 de dezembro de 2022 e 8 de janeiro de 2023 foram marcados por manifestações de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) inconformados com a decisão democrática expressa nas urnas pela maioria dos brasileiros que elegeram o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o seu terceiro mandato. Os atos foram realizados durante três meses testando, cada vez em maior escala, os limites das instituições.

Foram monitorados programas jornalísticos da TV aberta e um programa de canal por assinatura: *Os Pingos nos Is*, da Jovem Pan. A pesquisa se concentrou em buscar rastros e vestígios de desinformação. A partir de exame amplo da programação, selecionamos amostra para análise detalhada no presente artigo a partir dos critérios de identificação de intensidade discursiva desinformante, confronto aos princípios democráticos previstos na Constituição Federal e diversidade regional.

Assim, apresentamos aqui o resultado da avaliação dos programas *Alerta Nacional*, transmitido pela Rede TV em cadeia nacional e pela TV A Crítica em Manaus; *Balanço Geral*, que vai ao ar na TV Atalaia, afiliada da Rede Record em Sergipe; e *Os Pingos Nos Is*, veiculado na Jovem Pan, canal por assinatura e transmitido pelo *Youtube*. O estudo se dedicou a realizar Análise de Discurso (ORLANDI, 2015; CHARAUDEAU, 2018) com foco nas participações de apresentadores, repórteres e comentaristas, sem se deter nas falas dos entrevistados.

Novembro 2022

Apenas três dias após o segundo turno das eleições, em 2 de novembro de 2022, partidários de Jair Bolsonaro aproveitaram o feriado de finados para ampliar o movimento de bloqueio de estradas e acampamentos em frente a quartéis das Forças Armadas iniciado no dia 31 de outubro. Foram registrados protestos em 24 estados e no Distrito Federal. As mobilizações foram transmitidas ao vivo por diversas emissoras e pautadas nos telejornais.

No dia 2 de novembro, o *Alerta Nacional*⁴, programa do apresentador Sikêra Júnior, aliado de Bolsonaro, foi comandado pelo jornalista Luiz Rodrigues, o Bispo Rodrigues. Houve participação de repórteres Rondônia, Fortaleza, Belo Horizonte e São Paulo trazendo informações sobre as mobilizações pelo país. Em comum nas falas dos jornalistas, a intenção de registrar que os protestos, apesar de contarem com grande número de participantes, não foram marcados por violência. Os repórteres usaram as palavras “pacífica” e “pacificamente” 13 vezes e o apresentador outras cinco vezes, totalizando 18 registros. Houve ainda referência à presença de famílias, em três ocasiões, e de crianças, outras três. Não houve alusão aos protestos como antidemocráticos, golpistas ou de desrespeito ao resultado das urnas. Também não foi abordado nenhum aspecto relativo aos transtornos causados pelo bloqueio das estradas, que provocou a perda de alimentos perecíveis, o atraso de cidadãos para o trabalho e outros compromissos, e até o impedimento de realização de tratamento de saúde, como o caso de pacientes que fazem hemodiálise em cidades diferentes das que moram. A ocultação de fatos relevantes para a sociedade em

⁴ Programa Alerta Nacional. Edição de 2 nov. 2022. Disponível em: [Alerta Nacional \(02/11/22\) | Completo | RedeTV! - Alerta Nacional RedeTV! \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/redetv/programas/alerta-nacional/2022/11/02/alerta-nacional-02-11-22-completo-redetv/) Acesso em 28 mar. 2023.

programas pretensamente jornalísticos nos remete à concepção de que a desinformação é marcada pela intencionalidade (FALLIS, 2015; WARDLE E DERAKHSHAN, 2017) conforme abordado anteriormente. Os relatos sobre os atos revelam argumentação em defesa do posicionamento dos manifestantes.

A interdição da BR 344, em Rondônia, foi reportada pelo jornalista identificado apenas como “Pica-Pau”: “As pessoas estão ordeiras, pacíficas. Um manifesto sem nenhum contratempo. As pessoas exigindo seu direito de cidadania e lutando pela pátria. E é claro que a única bandeira que aqui vocês veem é a bandeira do Brasil”⁴.

O patriotismo também foi destacado pelo repórter Marcelo Espíndola, de Fortaleza: “Aqui o Hino Nacional é entoado a cada 15 minutos, ou de 20 em 20 minutos, sempre o Hino Nacional sendo entoado”⁴ E complementou reiterando o clima familiar dos manifestantes: “Pacífica a manifestação até o momento, não há relatos nem registro de brigas, frutos, nada, completamente pacífica. Mesmo agora à noite muitas crianças, observamos muitas crianças entre essas pessoas”⁴.

De Belo Horizonte, a repórter Patrícia Contaldi descreveu o ato na capital mineira: “Muita gente aqui vestida de verde e amarelo, com bandeiras do Brasil e cartazes, eles questionam o resultado das eleições de domingo”⁴. Nas imagens, faixas e cartazes pedindo intervenção federal, no entanto, não há nenhuma referência da jornalista à ameaça ao Estado Democrático de Direito do pedido de intervenção.

Durante toda a edição do *Alerta Nacional*, o apresentador justifica a ação dos aliados de Jair Bolsonaro com declarações como “as manifestações que estão acontecendo são de pessoas que apoiavam o candidato à reeleição, presidente Jair Bolsonaro, e que por conta do resultado, acabaram ficando ali indignadas”. Em outro momento afirma: “eles estão lá pela pátria, não é apresentando candidato, outro candidato. É pela pátria. E é claro se é pela pátria é muito importante”. Luiz Rodrigues dialoga com os telespectadores em defesa dos protestos: “Gente, é assim. Você não comemora quando seu time é campeão? Você não fica triste quando seu time perde? É desse mesmo jeito. As pessoas imaginavam outro resultado, *infelizmente* não aconteceu e tem o direito de manifestar”.

O discurso compreensivo com a revolta expressa nos protestos foi adotado também em outras emissoras. Na Jovem Pan, *Os Pingos Nos Is* abriu a transmissão

destacando no *lettering*: “Multidão vai às ruas em defesa do Brasil”⁵. Não há nenhum questionamento sobre o fato dos manifestantes estarem clamando pelo desrespeito à escolha da maioria nas urnas, regra basilar no processo democrático. Ao contrário, comentaristas como Fernão Lara Mesquita fizeram coro ao questionamento ao processo eleitoral. “Intervenção e tal, diz respeito a quê? Ao tapetão geral que foi a eleição, às intervenções do Supremo Tribunal pra calar a boca de uns e liberar a boca de outros, aumentar a publicidade de uns e diminuir a dos outros”⁵. O comentarista também valorizou o que considera como caráter espontâneo dos protestos, comparando-os de forma pejorativa com os movimentos de esquerda: “O que mais me chama atenção: são manifestações sem liderança, sem 50 reais, sem mortadela, sem quebra-quebra, sem violência”.

Na mesma linha de argumentação, outro participante do programa, Paulo Figueiredo, neto do ex-presidente da ditadura militar, João Figueiredo⁶, avaliou positivamente os presentes nos atos: “tantas pessoas de bem, claramente pessoas de bem, não estamos falando de vagabundo, não estamos falando de bandido. Estamos falando de pessoas de bem na porta de quartéis pedindo socorro”⁵. O comentarista afirma que as manifestações têm objetivo de preservar a democracia e exalta o posicionamento dos militares e de Bolsonaro: “Nessa zona completa que virou o Brasil, os únicos que eu vejo realmente lutando pra preservar o que restou do nosso Estado democrático de direito são justamente as forças armadas e o presidente”⁵.

Entre os cinco comentaristas⁷ da referida edição do *Os Pingos Nos Is*, não há nenhum que questione a ação dos manifestantes. José Maria Trindade, afirma considerar que a reação popular sinaliza novos tempos na política: “É um indicativo claro que nós voltamos a uma velha ágora, aquela história do poder direto do povo, a democracia direta onde o povo diretamente, sem representantes, é que fazia o

⁵ Programa *Os Pingos nos Is*. Edição de 02 nov. 2022. Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/os-pingos-nos-is/os-pingos-nos-is-02-11-2022.html> Acesso em 29 mar. 2023.

⁶ O general Figueiredo, antes de assumir a presidência, foi chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) quando afirmou: “Prefiro cheiro de cavalo do que cheiro de povo”. Disponível em: [Prefiro cheiro de cavalo | ABI](#) Acesso em 18 mar. 2023

⁷ Os comentaristas desta edição foram: Alexandre Garcia, Fernão Lara Mesquita, José Maria Trindade, Paulo Figueiredo, Ana Paula Henkel.

governo”. E complementa com otimismo: “Isso aí pode ser início de um novo estágio na política”⁵.

Da mesma forma, o jornalista Alexandre Garcia, que foi secretário de imprensa do presidente da ditadura militar João Figueiredo, se mostrou positivamente surpreendido: “Manifestações pacíficas, multidão como nunca se viu” e avaliou que “Estão lá numa catarse pós-eleitoral”⁵.

Durante o programa, identifica-se a defesa do governo Bolsonaro, como na apresentação de dados de redução da perspectiva de inflação para o país e a fala da ex-jogadora de vôlei, Ana Paula Henkel: “O que o Brasil aprendeu nesses quatro anos não pode ser jogado fora com a eleição que não foi limpa durante todo esse ano e o ano passado por causa do judiciário. Há muito para ser feito e há muito o que devemos celebrar também”⁵. Por outro lado, registra-se o tom crítico nas referências ao presidente eleito Lula. Em determinado momento, o *lettering* destaca: “Mais um ditador comemora a vitória de Lula nas urnas”, em referência ao líder norte-coreano Kim Jong-un, quando Paulo Figueiredo, rindo, afirma: “É a turma maravilhosa do Lula, turminha. Diga-me com quem andas que te direi quem és”. Em outro trecho, Alexandre Garcia ironiza o descanso de Lula após a eleição: “Ele tá na praia, no Sul da Bahia, com a Janja. Provavelmente está desfrutando de uma casa de um amigo muito rico, dono de uma transportadora que é amigo de Jaques Wagner”⁵.

No programa *Balanço Geral*, da TV Atalaia, filiada à Rede Record⁸, destacam-se duas reportagens e os comentários do apresentador. A reportagem sobre o ato em Aracajú (SE) mostra os manifestantes cantando o hino nacional e levantando faixas que pedem intervenção federal. Na locução em off, a repórter Aline Aragão afirma: “Eles falam em liberdade, democracia e protestam contra o resultado das eleições”. Depois de ouvir alguns participantes que colocam em dúvida a lisura do pleito e citar as faixas, ela justifica: “a intervenção federal é um procedimento regulado pelos artigos 34 e 36 do Capítulo seis da Constituição”⁸.

⁸ Programa *Balanço Geral* da TV Atalaia, edição e 2 de nov. 2022. Disponível em: [BALANÇO GERAL SE AO VIVO: TV ATALAI_A_02/11/2022 - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=SE_AO_VIVO_TV_ATALAI_A_02/11/2022) Acesso em 30 mar. 2023.

Em seguida à matéria, a repórter Sarah Medeiros faz uma participação ao vivo cercada por manifestantes e afirma: “Os gritos é (sic) realmente de liberdade, de resistência, pela família”⁸. O apresentador, Sérgio Cursino, alegando avaliar de forma isenta os atos, comenta:

Constatando aquilo que meus olhos estão vendo. Manifestação ordeira, famílias, senhores, senhoras, né? O pessoal mais jovem também. E expressando exatamente a sua opinião, dessa forma democrática. Aí, nesse lugar, aí nesse momento acontecendo exatamente essa liberdade de expressão, a celebração da liberdade de expressão. *Eu estou me referindo ao fato sem opinião alguma*. E como eu tinha dito, acredito que toda a manifestação que seja ordeira, no local correto, que não proporcione problema algum, não prejudique ninguém de forma alguma, ela é bem-vinda. A expressão popular, a expressão democrática.⁸

A construção discursiva durante esses programas é de que a luta nas ruas é de *patriotas* que buscam a *paz* e querem *um país melhor para todos*. As palavras utilizadas carregam forte carga positiva e induzem à adesão à causa dos manifestantes, o que nos remete à Bakhtin (2014, p. 39), que considera que “a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico”. No mesmo sentido, a construção discursiva relaciona-se ao que Charaudeau (2018, p.49) classifica como “efeito de verdade”, em que “acreditar ser verdadeiro” tem mais relevância do que de fato “ser verdadeiro”.

Para além do que dito, chama atenção o que é ocultado, apesar da relevância jornalística. Nas reportagens e nos comentários não são apresentadas referências aos transtornos causados com o bloqueio de vias públicas. Da mesma forma, não são colocados em debate argumentos contrários à posição dos aliados de Jair Bolsonaro que tomam as ruas ou questionado o desrespeito à Constituição e ao processo eleitoral, marca da democracia participativa. Identificamos o que Orlandi (2007, p. 24), caracteriza como “silêncio constitutivo, que nos indica que para dizer é preciso não-dizer”.

Dezembro 2022

No dia da diplomação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do vice-presidente Geraldo Alckmin, 12 de dezembro de 2022, a capital federal se transformou em palco de ações de vandalismo por parte de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro. A ordem de prisão temporária contra o indígena bolsonarista José Acácio

Serere Xavante, por incitação a atos antidemocráticos, teria sido o estopim do protesto. Carros e ônibus foram depredados e incendiados. Houve ainda a tentativa de invasão à sede da Polícia Federal, ataque a uma delegacia e vias bloqueadas por botijões de gás.

No dia seguinte, o programa *Alerta Nacional* ignorou o caos promovido em Brasília. As imagens das chamas que consumiram veículos e das depredações, apesar de estarem em sintonia com a linha editorial do programa, que habitualmente explora conflitos com forte carga imagética, não foram exibidas. O caso, de repercussão nacional, foi apagado da programação.

Outro dos programas que mostraram apoio aos manifestantes desde a derrota de Jair Bolsonaro em outubro e que foram monitorados, o *Balanço Geral*, da TV Atalaia, em Sergipe, filiada à Rede Record, por se tratar de programa local, também não abordou a notícia.

Já a Jovem Pan deu destaque ao tema. *Os Pingos nos Is* só seria transmitido no dia seguinte. A transmissão ao vivo na noite de domingo foi realizada pelo *Jornal da Jovem Pan*⁹. Comentaristas, como Jorge Serrão, reforçavam a tese dos manifestantes de que a revolta era fruto da indignação com a ditadura imposta pela justiça que teria tido como gota d'água a prisão do indígena: “O que a *juristocracia* determinar que é inimigo, ele é implacavelmente perseguido, punido, preso, multado. É a volta do prende e arrebenta. Isso em pleno regime que se diz democrático”⁹. Outro comentarista, Roberto Mota, segue a mesma linha de justificativa sobre os atos e de repúdio ao resultado das urnas: “Esse acontecimento vem num dia muito complicado para o Brasil. É o dia da diplomação de uma pessoa que é considerada por muitos milhões de brasileiros como um ilegítimo ocupante, ou será um ilegítimo ocupante de um cargo”⁹.

⁹ Programa Jornal da Jovem Pan. A cobertura sobre os ataques em Brasília se inicia a 1 hora, 14 minutos e 44 segundos. Disponível em: [JORNAL JOVEM PAN - 12/12/22 - YouTube](#) Acesso em 28 mar. 2023;

No dia seguinte, a edição de *Os Pingos Nos Is* foi dedicada quase que integralmente à análise dos ataques com repetição exaustiva das imagens¹⁰. Depois da repercussão negativa dos acontecimentos em Brasília, os comentaristas da emissora mudaram o discurso e se dedicaram a sustentar a tese de que os atos de vandalismo foram praticados por pessoas infiltradas, como argumentou Jorge Serrão:

Os nossos manifestantes, eu digo nossos, porque eu me incluo representado é por aqueles que estão na frente das unidades militares, os nossos manifestantes conservadores continuam com o mesmo perfil: famílias, ordeiras e se manifestando sem o uso do anonimato e se manifestando de forma pacífica¹⁰.

Fernão Lara Mesquita reforçou a interpretação: “Tá na cara que não tem nada a ver com aquele povo que está na frente dos quartéis há 40 dias rezando e cantando”. E relacionou os atos aos partidários do presidente eleito: “É uma coisa completamente diferente, infiltrada e que acontece justamente no dia em que hordas de petistas foram lá para comemorar a diplomação do chefe”¹⁰.

A cobertura da emissora e a simbólica mudança discursiva relaciona-se ao que Charaudeau (2018, p. 131) classifica como “um mundo filtrado” apresentado pela mídia. Com lembra o autor, “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível” (2018, p. 95).

Janeiro 2023

Os acampamentos em frente aos quartéis em diversos pontos do país não foram desmobilizados com a chegada de 2023 e o início do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A posse, em primeiro de janeiro, apesar dos temores de confrontos, ocorreu com tranquilidade, sob um forte esquema de segurança, mas com uma multidão de apoiadores do novo mandatário ocupando Brasília em celebração. A expectativa de que, consumado o início do novo mandato, os protestos perderiam força não se concretizou. Em 8 de janeiro, domingo, a capital federal foi sacudida por um ataque sem precedentes às instituições e ao patrimônio público. Dezenas de

¹⁰ Programa *Os Pingos nos Is*, edição de 13 de dezembro de 2022. Disponível em: [Os Pingos nos Is – 13/12/2022 – Infiltrados vandalizam/ Randolfe ataca/ Lula quer calar atos | Jovem Pan](#) Acesso em 28 mar. 2023.

ônibus chegaram à Brasília com aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro que se juntaram aos que estavam acampados desde novembro em frente ao Quartel-General do Exército. Sem encontrar resistência das forças de segurança, caminharam para as Praça dos Três Poderes, invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF).

Diversas emissoras de TV interromperam a programação para transmitir ao vivo os ataques que se prolongaram por pelo menos quatro horas. No dia seguinte, os programas jornalísticos deram destaque ao vandalismo e seus desdobramentos. Nas transmissões ao vivo e/ou nos telejornais do dia 9, Na TV Globo/Globo News, Band, TV Record e SBT adotaram tom de condenação em relação aos atos, utilizando adjetivos mais fortes para se referirem aos envolvidos nas ações em Brasília.

Tabela 1

	TV Globo/ Globo News	TV Record	Band	SBT	RedeTV
Vândalos	X	X	X	X	X
Criminosos	X	X	X		
Golpistas	X		X	X	
Extremistas		X			X
Radicais	X				X
Terroristas	X		X	X	X

Fonte: Elaboração Própria

Um dos programas citados anteriormente, que até então exaltava como direito à liberdade de expressão e livre manifestação os protestos que pediam intervenção federal, mudou o discurso. No dia seguinte, o *Balanço Geral*, da afiliada da TV Record em Sergipe¹¹, a apresentadora condenou os ataques: “O que o Brasil assistiu ontem foi um ato de vandalismo, um ato lamentável de ataque à democracia, tão difícil democracia conquistada pelos brasileiros”¹¹. E, suspendeu o apoio que até então vinha sendo prestado aos aliados de Jair Bolsonaro que se opunham à posse do presidente Lula: “O voto do povo deve ser respeitado. Se o povo escolheu, se a gente tem um presidente hoje, foi escolha da maioria. Isso deve ser respeitado”¹¹.

¹¹ Programa *Balanço Geral* de 9 jan.2023. Disponível em: [BALANÇO GERAL SE AO VIVO: TV ATALAIÁ 09/01/2023 - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...) Acesso em 31 mar. 2023.

No entanto, os programas *Alerta Nacional*, da Rede TV!, e *Os Pingos nos Is*, da Jovem Pan, apesar de registrarem o lamento com os rumos do movimento golpista, se dedicaram a justificar os ataques.

No *Alerta Nacional* do dia 8 de janeiro¹², o apresentador Luiz Rodrigues classificou a ação em Brasília como um erro, mas se posicionou como aliado dos que depredaram a capital, discutindo a melhor estratégia para a extrema direita: "Isso traz muitos problemas para nós mesmos e a gente vai ter que dar seguimento a tudo isso daqui pra frente"¹². No diálogo com os telespectadores, Rodrigues traçou um paralelo com linchamentos públicos, prática habitualmente justificada no *Alerta Nacional*:

A gente vê a reação muitas vezes da população em crimes que ocorrem, de você agredir criminosos que acabam de cometer um assalto, você agredir alguém que furta algo, você agredir alguém que rouba algo, mas essa é a situação da população indignada, da população que muitas vezes não concorda e discorda de muitas ações. Eu não concordo, não concordo com esse tipo de protesto, mas não condeno quem muitas vezes está insatisfeito com toda a situação¹².

Minimizando a gravidade e a violência utilizada nos ataques à democracia, o apresentador criticou enfaticamente o endurecimento do discurso da mídia:

Vi diversos sites, veículos de imprensa, falando terroristas, radicais. Eii! Manifestantes extremistas, isso sim. Que não representam a maioria. Que não representam a maioria. Que não representam a maioria. Terroristas radicais? Você sabe o que terrorista faz? Ô gente, pera lá. Não é desse jeito¹².

Na Jovem Pan, o clima diante dos acontecimentos do dia 8 de janeiro era de perplexidade. A emissora realizou transmissão ao vivo de *Os Pingos nos Is* que se prolongou por seis horas e 55 minutos¹³. Ela foi a primeira a colocar no ar imagens ao vivo direto dos protestos e encontrou muito mais facilidade do que as demais emissoras para circular nas áreas de conflito, o que pode ser visto como o sinal verde de aliados. Durante esse período, além dos apresentadores e repórteres, houve a participação de sete comentaristas¹⁴. Em comum entre todos eles, posições políticas

¹² Programa *Alerta Nacional* de 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rViRPfx3Guk>. Acesso em 30 mar. 2023.

¹³ Programa *Os Pingos nos Is*. Edição de 8 de jan. 2023. Disponível em: [JP URGENTE - 08/01/23 - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=rViRPfx3Guk). Acesso em 30 mar. 2023.

¹⁴ Paulo Figueiredo, Rodolfo Mariz, Alexandre Garcia, Fernando Capez, Coronel Gerson Gomes, Fernão Lara Mesquita e Cesar Dario Maria.

semelhantes, explicitadas pelo Coronel Jairo: “eu faço questão de dizer e todos aqui sabem que eu só estou na Jovem Pan comentando porque o meu olhar, a minha perspectiva é o olhar de um conservador”¹³ e também por Rodolfo Mariz: “Eu faço parte de um grande número que apoiou essas pessoas. Eu tenho famílias que estão nas manifestações”¹³.

Desta forma, as análises foram realizadas sob perspectiva de aliados da mobilização. As avaliações condenaram a destruição que ocorria em Brasília não tanto pela violência e ataque à democracia, mas pelo risco de atrapalhar a estratégia da extrema direita, como argumentou Paulo Figueiredo: “Eu sei que nós estamos vivendo tempos difíceis. Eu sei e compartilho da dor dos brasileiros que estão vendo o país ir pro vinagre, mas este não é o caminho”¹³.

Em diversas ocasiões durante a transmissão, encontra-se referência à ameaça de implantação de uma ditadura. Fernão Lara Mesquita considera o que o governo Lula “se declara cheio de vontade ditatorial”¹³. Paulo Figueiredo reforça a tese de que o terrorismo praticado em Brasília seria explorado pela esquerda:

Isso justificará a restrição das liberdades e a restrição das garantias institucionais. E é comum nesse processo, esse processo de avanço em direção à ditadura com a justificativa de necessidade de aumento da segurança contra um grupo político¹³.

O coronel Gerson Gomes alerta que os assessores do presidente são “da ala mais radical de esquerda, do Partido Comunista, aqueles que querem o confronto”¹³. Ao se referir ao ministro da Justiça, Flávio Dino, afirma que não há condições estabelecidas para que ele transforme a Polícia Federal em *polícia política* e a Força Nacional em *Força Nacional Bolivariana*. Uma preocupação dos comentaristas é registrar que o ex-presidente Bolsonaro está fora do Brasil, não pode ser responsabilizado pela destruição das sedes dos três poderes. Os apresentadores afirmam também, ao longo da programação, que a Jovem Pan não apoia o vandalismo. Ao final da transmissão, o apresentador lê um editorial:

É preciso, antes de encerrar, ressaltar que a Jovem Pan repudia qualquer ato de violência, qualquer ato de vandalismo, respeita as instituições. Respeito à Constituição, respeito à democracia deve prevalecer acima de qualquer outra questão. E é por dentro, por meio dos instrumentos democráticos que nós devemos seguir. Essa é a defesa da Jovem Pan e é esse nosso posicionamento¹³.

Apesar da alegada defesa do Estado Democrático de Direito sem interesses próprios, as linhas discursivas que perpassam a longa transmissão ao vivo da Jovem Pan, no dia 8, e também do programa Alerta Nacional, do dia 9, são de tomada de posição. Identifica-se o que, na perspectiva bakhtiniana, se refere a “fios ideológicos” (Bakhtin, 2014, p.42) que costumam a trama das relações sociais na conjuntura em foco. Percepção que dialoga com a de Patrick Charaudeau (2018, p.19) de que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo”.

Ressalte-se ainda na transmissão da Jovem Pan as alusões à pretensão ditatorial do governo Lula, considerando que não há indicativos de veracidade nessa ilação à medida que o atual presidente já exerceu outros dois mandatos sem tendências ditatoriais e não indica mudança de posicionamento em relação aos princípios democráticos. Neste caso, a prática dos comentaristas se inscreve o que Wardle e Derakhshan (2017, p. 05) classificam estritamente como desinformação: “quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos”. As múltiplas referências à possibilidade de fechamento do regime guardam características do chamado *novo conspiracionismo*, que dispensa teorias articuladas e provas: “para os novos conspiracionistas, toda a energia é direcionada para a repetição e a afirmação. A repetição é o oxigênio do novo conspiracionismo e, às vezes, parece todo o seu propósito” (Muirhead e Rosenblum, 2019, p. 27, tradução nossa).

Vale refletir ainda sobre os interesses que perpassam tais escolhas editoriais. A convicção com que os comentaristas apresentam interpretações, no mínimo questionáveis, se insere nas modalidades de autoengano abordadas por Thomas J. Froehlich (2017, sem paginação) e citadas anteriormente. Identifica-se a prática do autoengano motivado, adotado para obter ganhos políticos, sociais, éticos ou pessoais conscientes. Para Marcos Schneider (2022, p. 85): “O autoengano que ignora evidências que o contrariam é um fator central da crise contemporânea da verdade”.

Considerações Finais

A pesquisa apresenta indícios concretos de que, para além das mídias sociais, a desinformação tem espaço significativo na mídia tradicional. Se valendo da credibilidade como marca de programas jornalísticos, que pretensamente transmitiriam aos telespectadores os acontecimentos como eles são, refletindo o mundo, emissoras de TV contribuem para desinformar. A manipulação de conteúdo, a utilização de contexto falso, a adesão ao novo conspiracionismo e a apresentação de opinião como fato, induzem ao engano e causam danos.

Os vestígios apontam para a estratégia adotada por forças conservadoras e de extrema direita de disputa de hegemonia através também de ocupação de espaços da imprensa, em complementariedade ao que vem sendo registrado nas redes sociais. Comentaristas, que em alguns casos se autodenominam “patriotas”, acionam signos e constroem discurso que reinterpretam a realidade a partir dos seus pontos de vista, ainda que a defesa de posicionamentos exija o silenciamento diante de determinados fatos ou a apresentação de argumentação questionável, sem amparo na realidade. O monitoramento dos programas jornalísticos indica que, apesar da gravidade dos ataques às instituições, inclusive com ações terroristas, a extrema direita preservou espaços de apoio explícito com grande repercussão na programação e, no ambiente de convergência midiática, também pelo espraiamento pela internet¹⁵. Programas como *Os Pingos nos Is* e *Cidade Alerta* mantiveram o discurso desinformante, apoio ao desrespeito ao resultado das urnas e ignoraram regras básicas da democracia.

A atuação nos remete ao conceito de autoengano motivado, levando ao questionamento, não investigado no presente estudo, de quais interesses políticos e comerciais estão envolvidos no posicionamento adotado assim como a conexão dos atores midiáticos envolvidos. No caso da Jovem Pan, os indícios levaram o Ministério Público Federal a instaurar inquérito para investigar a veiculação de conteúdos “desinformativos com potencial para minar a confiança dos cidadãos na idoneidade

¹⁵ A transmissão ao vivo de *Os Pingos nos Is* no dia 8 de janeiro de 2023 teve, somente no canal do YouTube da Jovem Pan, mais de 6 milhões e 500 mil visualizações. Disponível em: [JP URGENTE - 08/01/23 - YouTube](#) Acesso em 28 mar. 2023.

das instituições judiciárias brasileiras e na higidez dos processos democráticos por elas conduzidos” (BRASIL, 2023c). Entendemos que o resultado da análise realizada aponta para a necessidade de aprofundamento das pesquisas referentes à relação da desinformação com a radiodifusão, que tem recebido pouca atenção apesar da sua importância sua contribuição com o processo de fragilização da democracia.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail, **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo. Hucitec Editora, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1997.
- BRASIL. **Íntegra do Discurso do presidente Lula no Parlatório do Palácio do Planalto**. 01 jan. 2023. Disponível: [Discurso do presidente Lula no Parlatório do Palácio do Planalto — Planalto \(www.gov.br\)](http://www.gov.br) Acesso em 3 mar 2023
- BRASIL. **Decreto de criação da Secretaria de Políticas Digitais**. 01 jan 2023b. Disponível em: [Secretaria de Políticas Digitais — Secretaria de Comunicação Social \(www.gov.br\)](http://www.gov.br) Acesso em 20 mar.2023.
- BRASIL. **Portaria ICP nº 01, de 09 de janeiro de 2023**. Ministério Público Federal. 2023c. Disponível em: [portaria-inquerito-jovem-pan.pdf \(mpf.mp.br\)](http://mpf.mp.br) Acesso em 31 mar. 2023.
- BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. **Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação**. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo. Ed. Contexto, 2018
- FALLIS, Don. **What is Disinformation?** Library Trends 63 (3):401-426, 2015.
- FROELICH, Thomas. **A Not-So-Brief Account of Current Information Ethics: The Ethics of Ignorance, Missing Information, Misinformation, Disinformation and Other Forms of Deception or Incompetence**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323475677_A_not-so-brief_account_of_current_information_ethics_The_ethics_of_ignorance_missing_information_misinformation_disinformation_and_other_forms_of_deception_or_incompetence. Acesso em: 30 mar. 2023.
- IRETON, Cheryl; POSETTI, Julie. **Jornalismo, fake news e desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. UNESCO, 2019. p. 46-58.. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647/PDF/368647por.pdf.multi>.
- MUIRHEAD R; ROSENBLUM N.L. **A Lot of People Are Saying: The New Conspiracism and the Assault on Democracy**. Princeton UP. 2019.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. 6ª ed. Campinas. Editora da Unicamp. 2007
- _____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. Pontes Editores. 2015. 12ª Edição.
- SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação: pós-verdade, fake News e outras armadilhas**. Rio de Janeiro. Garamond, 2022.
- WARDLE, Claire., & DERAKHSHAN, Houssein. (2017). **Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policymaking**. Council of Europe. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/glossary-items/pdf-wardle-c-derakshan-h-2017-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making-council-of-europe/> Acesso em 12 mar.